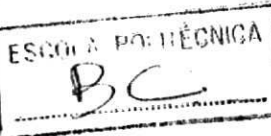




Ao GP



esclarecimento

Muito se questiona sobre as efetuadas mudanças no Jornal o Politreco. Neste evento das discussões, crio que um pouco de paciência é necessário para que possamos ter uma visão de conjunto. Qualquer mudança evidentemente surge seus impactos e polêmicas, devido as reformulações e todos devemos admitir que não é nada fácil coordenar um jornal (ainda mais de uma escola de renome).

Contudo, cabe a todos os politécnicos, cooperar ao invés de criticá-los por quaisquer razões, quer seja de nível administrativo ou pessoal.

Toda crítica é válida na medida que vemos que é construtiva, no entanto, o apoio ao GP faz parte a todos politécnicos. Vamos apontar os erros. Vamos tentar corrigi-los ou levar a quem possa corrigi-los, quando não pudermos fazer. Portanto, será mais elegante a cada um de nós, ser os fiscais de toda essa problemática, se empregarmos todo potencial de energia que tem em si, a fim de realizar mesmo pequenas coisas, mas que quando refletem o máximo de capacidade de cada um, têm grande valor. É portando-se desse modo é que vamos manter viva a tradição e engrandecer ainda mais o GP, como ela tem sido.

(KOKI)



A diretoria do Grêmio Politécnico esclarece, a quem possa interessar, o seguinte:

- O Sr. Max Alberto (ex-editor do Politreco) deixou suas atividades neste periódico a partir do instante que demonstrou seu desejo, no início do ano, de continuar no Politreco somente se ganhar se dinheiro, e a diretoria do Grêmio colocou claramente que o queria como diretor não como funcionário.

- No ano passado (1986), o Sr. Max Alberto, apesar de poucos sabermos, recebia como funcionário para produzir o Politreco, e o relato da diretoria do Grêmio na gestão passada (que pode ser confirmado) é o de que como profissional o Sr. Max Alberto era irresponsável, se recusava a cumprir horários e não raro o Politreco atrasava.

- No final do ano passado o Sr. Max demitiu-se para poder candidatar-se a diretor de imprensa do Grêmio em nossa chapa. Após nossa posse colocou que abandonaria a Poli para se dedicar ao seu curso de Jornalismo, e assim não poderia continuar como diretor do Grêmio, oferecendo seus serviços como funcionário.

- Sua única preocupação em relação ao Politreco, antes de sair pelos motivos inicialmente exposto, foi o de elaborar um dossiê, por nós interpretado como uma tentativa de "vender seu peixe". Não houve preocupação com o pessoal que poderia ajudar na área de imprensa.

Queremos deixar claro que a responsabilidade do que acontece

e aconteceu ao Politreco (inclusive ter confiado no Sr. Max) é da diretoria do Grêmio, que banca a impressão deste jornal sem nenhum retorno financeiro até o momento (breve, pretendemos tentar vender espaço para anúncios).

Também é bom dizer que uma coisa é a discussão do Politreco e seus rumos, que se faz com os alunos a partir de suas sugestões, críticas e colaboração. Outra é a que está se fazendo aqui em função de uma situação forçada pelo Sr. Max, para que todos saibam que o Grêmio não está impedindo nem impediu a participação de alguém que quer ajudar.

Estes esclarecimentos poderiam ter sido feitos no início do ano. Não o foram pois não estávamos interessados em denegrir a imagem do Sr. Max Alberto, mas tornaram-se necessários face a sua atitude covarde de omitir a verdade, distorcer os fatos e tentar jogar os alunos da Poli contra o Grêmio Politécnico, aproveitando-se da situação que ele próprio ajudou a criar.

Não mais gastaremos espaço deste jornal com esse tipo de discussão que só beneficia o egocentrismo e personalismo do Sr. Max Alberto. Esperamos poder discutir e melhorar o Politreco a partir de críticas honestas (como temos recebido dos alunos) e do trabalho de quem está disposto a colaborar em prol da maioria e não apenas de si mesmo.

DIRETORIA DO GRÊMIO POLITÉCNICO

INTER-USP

Assentada a poeira da competição, resta agora esfriar a cabeça e analisar o que foi mais essa viagem dos "Ratos", contra os nossos mais tradicionais adversários (excessão à Escola Paulista de Medicina): Pinheiros, Ribierão, São Francisco, Esalq e Eng. São Carlos (esses pobres coitados nós podemos desconsiderar).

Durante 4 dias não existiram provas, professores e outros desagrados. Foi altamente relaxante para quem já está de saco cheio dessa nossa vida sem tempo para respirar. Quanto a isso, valeu! Muita gente se conheceu, mesmo de outras escolas e isso foi legal.

Nem tudo são rosas, e algo foi muito desagradável em Pira; muito procurei, mas no fim, a pergunta persiste: onde estão os times da Poli? Enquanto a Atlética da Med-Pinheiros foi obrigada a selecionar o pessoal para a competição, a Poli contava com equipes muito muito incompletas, ou desinteressadas. Logo a Poli que, pelo menos no masculino, tem equipes bem superiores aos nossos adversários. No feminino, nem se fala! Foi um W.O. só! As Equipes de Futebol de Salão Feminino (vice-campeã da competição) e de handebol feminino (esse mostrando pinta que é bom) participaram, não fazendo nem um pouco feio. Cadê o vôlei, meu Deus? No basquete, algumas garotas ainda quiseram jogar, mas não foi possível. Não sei se as garotas que confirmaram presença sabem, mas, mesmo nos esportes onde não valem pontos, W.O. subtrai pontos. Isso eu acho uma falta total de coleguismo com outras garotas que, tenho certeza, se esforçaram, brigando com pais machões, para competir.

no masculino, a situação foi melhor em termos de presença, mas a ausência de pessoas-chave nas equipes foi muito sentida, e, no final, a classificação da Poli foi muito abaixo de suas reais possibilidades.

Bem, para você que não viajou e entende que a vida não está toda num livro de Física-3, não se preocupe no fim de outubro já está sendo preparada a Unicamp-USP (quem já foi sabe que é bem melhor e mais gostosa que a Interusp).

Garotas: não decepcionem de novo com tantos W.O.s. Perder é ruim, mas dar W.O. é de amargar. Em nome da torcida e jogadores quero agradecer às ratas. Verbena (3ª Produção), Cláudia (3ª Produção), Simone, Sandra, Sandrinha, Cláudia (2ª Química), Michelle e Patrícia, por encherem de beleza mais essa competição de nossa Poli.

Ricardo Morici (rugby-5ª Mec)



Atlética

31 anos

De 1903 a 1917, o setor esportivo dos alunos da EPUSP era coordenado e organizado pela comissão de sindicância do G.P.. Neste ano foi criado o departamento esportivo passando a ter diretores diretos e exclusivamente responsáveis por todas as atividades desenvolvidas. Os estatutos do departamento possuíam um dos mais rígidos códigos disciplinares e que até obrigava os associados a participarem das paradas de 7 de setembro.

Em 1934 é fundada a FUPE por ação direta dos politécnicos que usavam contra o crescimento da ideia de um clube universitário que obrigaria pessoas estranhas ao meio e nada mais era do que a tentativa de um clube esportivo (já desativado) explorar este filão.

Nesta época nossa escola já possuía boas equipes e os grandes destaques eram o remo, o futebol, o tênis e o xadrez.

De um projeto inicial que previa apenas competições de atletismo, em 1940 é criada a Pauli-Poli e que por dez anos dominaria a atenção da cidade de São Paulo sendo considerada a competição majestade do esporte universitário. Entretanto devido a franqueza da Paulista a competição foi perdendo o interesse e em 1955 é introduzida a Mack Poli que também agitaria o meio universitário durante dez anos.

Só que na primeira Mack-Poli ficava evidenciado que o departamento de esportes já não tinha mais condições de atender o que dele era solicitado nem possuía poderes suficientes. Juntando com uma crise interna, decide-se fundar a Associação Atlética Acadêmica Politécnica que depois dos anos iniciais de estruturação passa a dominar o cenário esportivo universitário e ganhando seguidamente a Taça Eficiência (uma espécie de JUSP onde não só os resultados contavam pontos, mas também a participação e continuidade de resultados).

Final da década de sessenta, início de setenta são criados diversos torneios entre as diversas atléticas: MAPOFEI, POLI-ITA, INTER-ENGENHARIA FEMININO, ENG-MED que começaram a exigir uma organização que não possuíamos e assim

entramos numa fase de gradual decadência.

A Diretoria de 1978 entrou para tentar resolver o problema e com soluções administrativas inteligentes e ousadas deu-se início a mais uma boa fase foram criados os cargos de Diretor Geral de Esporte, Diretor de Patrimônio, Diretor de assuntos externos. Cada um teve suas atribuições e responsabilidades definidas e o trabalho de cada um foi facilitado e o resultado global respondia as nossas necessidades.

Anos mais tarde veio a grande crise. Em 1981 foi escolhido para patrono da P.P. o politécnico Paulo Salim Maluf como forma de agradecimento pois durante seu mandato de governador, ele forneceu o nibus para viagens, estadia para atletas paraguaios que disputavam a II ING-ENG por nós promovida, etc. Entretanto não foi assim entendida pela Diretoria do GP que via neste ato uma tomada de posição e contrária a deles e tentaram de tudo para anular nossa escolha inclusive um plebiscito entre os alunos da escola. Houve uma troca de acusações e veio à tona a história do GP estar usando sua gráfica para confeccionar gratuitamente o material de propaganda eleitoral de determinado partido que era exatamente o da diretoria. Foi aí que começou uma guerra entre atlética e Grêmio e teve como resultado o corte da verba que o GP sempre passava a Atlética.

Isso aliado à crise econômica brasileira levou-nos à insolvência e por mais que os diretores trabalhassem não havia como sair dela. No final de 84, início de 85 chegava-se ao fundo do poço e existiu uma reunião pra decidir sobre a continuidade e existência de nossa entidade como a resposta foi sim iniciou-se uma nova etapa com a diretoria reformulada e com muita vontade de por a AAP no devido lugar. Lentamente os resultados foram melhorando e passamos para um crescimento que esperamos manter durante os próximos anos. PS.: Esta é a versão dos fatos que chegou até nós. Se você quiser informações para levar estes boatos perigosamente perto da verdade, escreva-nos.

Houve uma reunião dia 9/06 no Grêmio para debater a situação do Politreco. (A reunião era aberta a qualquer um, mas, prá variar, nenhum calouro compareceu, seus "nó cego!")

Vou direto ao assunto; entre outras coisas ficou decidida a volta do Politreco ilustrado. Mas para isso é necessário que artigos dos alunos apareçam! Portanto isto é uma convocação aos artigos a bobreiros (Ruy Catso, Pepe Enrubar, etc) e aos novos também.

ESCREVAM!!!

Sempre existem aulas chatíssimas em que se pode escrever um bom artigo.

O Politreco Ilustrado é tradicionalmente destinado a artigos humorísticos, abobrinhas, crítica de cinema, música, etc. Por isso, esqueça essa aula pentelha e escreva logo um artigo! Não está na aula? Então vá prá lá, assine a lista e escreva para o Politreco.

Paulo R. D'Amaro
(Quase) 2º Química

OBS: Os artigos devem ser entregues na sala 16 do Grêmio.

EXPEDIENTE



GRÊMIO
DA
POLI

EDIÇÃO
Denilson Palva Leite

REPORTAGEM
Fernando A. P. Leite

PRODUÇÃO GRÁFICA
Ralph E. Machado de Lima
colaboração: Fábio Martins

COMPOSIÇÃO
Marta Lopes e Joana D'Arc

TIRAGEM
2000

Há três meses assumi a produção gráfica do Politreco. De uma forma um tanto singular, vale dizer. E, sendo este o último número do semestre, gostaria de pedir a palavra, para fazer alguns esclarecimentos, responder às críticas e, porque não, opinar.

São vários os assuntos sobre os quais desejo me manifestar. Antes, porém, quero explicitar minha situação frente ao GP. Em abril, fui contratado como repórter da Revista Politécnica. Na época, havia a possibilidade de que outros alunos da ECA viessem a ocupar cargos, por assim dizer, na revista. No entanto, isto em parte não se confirmou.

Naquele momento, não havia ninguém responsável pela produção gráfica do Politreco. Fui convidado e, sem muito pensar, aceitei. Embora nunca tivesse trabalhado com diagramação, conhecia um pouco a técnica, e, a princípio, foi fácil superar as dificuldades. Mesmo porque não havia tantas assim.

Para um recém-chagado, o Politreco era apenas uma pálida imagem se comparado ao seu passado. Não haviam artigos sobre política, religião. Não existiam polêmicas. Aliás, não haviam artigos, qualquer que fosse o assunto, e a tão falada participação dos alunos pareceu-me balela.

O Politreco-129 me surpreendeu. Foram quatro páginas cheias. Quase comecei a acreditar que aquelas coisas ditas com um certo tom de saudosismo fossem verdade. Mas no número seguinte, quando me vi obrigado a improvisar uma primeira página, tudo caiu em descrédito novamente.

Até então o Politreco nunca fora editado (talvez caiba, aqui, um esclarecimento: editar, em Jornalismo, significa todo um conjunto de processos que vão desde a produção do texto até a distribuição). Havia, isto sim, uma orientação a ser seguida: manter a periodicidade e publicar tudo o que chegasse até mim. No entanto, eram tão poucos textos e por vezes mal preenchiam duas páginas. Resolvi, por conta e risco, sacrificar a periodicidade. E assim procedi, até reestruturação da Diretoria de Imprensa, no final de maio.

Com a vinda do Denilson e do Roque houve uma melhora na organização interna do Politreco. Entre abril e maio existiram alguns problemas internos não tão fáceis de

serem contornados, que provocaram inclusive várias discussões nas reuniões da Diretoria do GP, muitas das quais presenciei.

O início de junho foi particularmente em razão de dois números do Politreco, 132 e 134. Ao mesmo tempo, porém, converteu-se num período pessoalmente insatisfatório, com o início das críticas e comparações. Acredito que toda crítica seja, antes de tudo, contrutiva, mas também acho que para se criticar é necessário conhecimento de causa, o que em momento algum existiu.

Em editorial, no Politreco-129 coloquei-me à disposição para discutir as atuais e futuras propostas do Politreco. Ninguém apareceu. No debate convocado pela Diretoria do GP, além das presenças obrigatórias, haviam apenas duas pessoas. Tudo isto veio a confirmar uma idéia que trago desde o princípio: à maioria dos politécnicos, o Politreco serve para nada. Esta "preocupação" com o Politreco é falsa. Se existisse realmente, antes de se criticar a periodicidade ou o artigo que foi cortado, dever-se-ia perguntar PORQUE o Politreco não saiu ou PORQUE o artigo foi cortado. Algo que ninguém se interessou em fazer.

Para finalizar, quero expressar minha opinião. O Politreco já mais poderá ser um jornal no sentido lato. Um jornal carece de certas atitudes incompatíveis com o propósito primeiro do Politreco. Que deve assumir também um caráter informativo, é ponto pacífico; que deve se auto-sustentar, idem. Mas tudo isto implica em responsabilidades que não podem ser assumidas, evidentemente, apenas pela Diretoria do GP. É antes um problema da comunidade politécnica como um todo.

Hoje, minha relação com o Politreco é insustentável. Existem questões que vão desde pessoais a ideológicas. Há ainda um certo ceticismo da minha parte. A minha saída é, portanto, questão de tempo e, inclusive, do conhecimento da Diretoria do GP. Mas ainda me considero no direito de sugerir ao colega ecano que adie o enterro simbólico do Politreco para uma outra oportunidade, quando lhe for aprazível exercitar sua necrofilia.

RALPH
ex-produtor gráfico

"ad absurdum"

Star Trek III

Lê-se no livro das Mágicas do cálculo, capítulo 12, versículo 3 a lenda da criação do cálculo:

"Em uma época perdida na história, havia uma pequena aldeia às margens de um grande rio de águas cristalinas, a algumas léguas da vila de São Paulo de Piratininga. Essa aldeia sofria de um grande mal: falta do que se fazer. Tudo era paz, tranquilidade e coação naquela aldeia. Os habitantes estavam de saco cheio.

Foi quando, em mais um dia nojentamente ensolarado, chegou, não se sabe de onde, um velho de barbas longas, bengala e com um livro ombaixo do braço. Acompanhando o velho vinham lindas nuvens negras.

Um rapaz acolheu o velho e este lhe disse:

- Pinctus erectus in nadegae vostrum... e o rapaz pôs-se a calcular retas médias, assíntotas, etc. Era o milagre consagrado.

Foi então que começaram as curas. Certa feita uma senhora ajoelhou-se na frente do velho e disse:

- Senhor, perdoai! Eu acochambrei!

E o velho, na sua magnânima sabedoria respondeu:

- Bobeatum culus, enrabatorium est..., e a bengala, atirada ao chão, transformou-se no sagrado símbolo:

Um dia o velho desaparecera, mas a aldeia estava salva.

Os dias eram nevoados e frios o rio fedia e as pessoas agora viviam enfiadas em casa, felizes, calculando...

Por isso, quando você estiver fazendo uma prova de cálculo, em um sábado de sol, não desanime, lembre-se da frase:

"Integratio est, nabarium ad infinitum".

SRHIKT ORMVFF (imbecil, NÃO pronuncia-se próing):

Líder da seita C.H.U.T.E., possui hábitos saudáveis como nadar no Pinheiros, comer no CRUSP, esgar-tejar cariocas.

(No episódio passado, nossos amigos desceram no misterioso planeta GUSP; ao explorá-lo, depararam-se com um desconhecido que os seguia)

- Quem é você? - perguntei eu.

- apenas um amigo. Já os estou seguindo há algum tempo. Vocês não são daqui, certo?

- Não. Como é que você sabe? - indaguei.

- Porque vocês não estão contaminados pelo vírus "polithecnium dementis". Noventa e nove por cento dos habitantes daqui sofre disso. Estudam cálculo, babam bastante e falam inúmeras besteiras. E embora sejam bastante estranhos, não creio que estejam em tal estado de degradação mental. Exceto esse aí - e apontou para Scrott.

Conversamos algum tempo e eu o convenci que nosso engenheiro não sofria daquele vírus. Finalmente, elenôs disse:

- Tudo bem, vou mostrar-lhes algo deste lugar. Embora eu não ache aconselhável.

Reunimo-nos aos outros três e saímos a explorar. Só que desta vez com um guia. Entramos num prédio estranho, subimos algumas escadas e paramos defronte a uma porta.

- Vejam vocês mesmo! - ele disse, abrindo a porta.

Um indivíduo em pé, em frente aos demais, falava, gesticulava e riscava um grande quadro-verde com uma pedrinha branca. Os demais, sentados a sua frente, comportavam-se estranhamente. Uns dormiam, outros anotavam tudo furiosamente, como que a devorá-lo com os olhos. Mas a maioria apenas olhava e chorava. Pareciam sofrer violentamente a cada palavra pronunciada pelo homem que escrevia e falava.

- Isto é uma sala de tortura? - perguntou o casal nulo - Trecov, a uma só voz.

- Pior, é uma sala de Aula! - ele respondeu

- Isto é ilógico! - Observou Spork.

- Quer dizer que todas as torturas neste lugar são mentais? - perguntei.

- Nem todas, caro capitão Kric, nem todas! - e olhando o relógio

completou - Está na hora de uma das piores de todas. Siga-me!

Ele nos levou a um lugar muito estranho. Uma interminável fila de pessoas de caras tristes marchava lentamente, como que condenadas à morte numa câmara de Laser. Entramos na fila.

- Não tem perigo?

- Bastante, mas é só tomar cuidado.

Entregamos uns papezinhos a uma moça, em que estava escrito algo como "vale refeição". De imediato, não entendi o que significava. Em troca, recebemos uma placa de metal toda tortuosa, na qual depositaram algumas substâncias desconhecidas. Sentamos em algumas mesas com cadeiras desconfortáveis.

- Vejam vocês mesmos! - disse nosso amigo.

Scrott contava algumas pedrinhas pretas que recebera, que lhe disseram ser "feijões". Trecov logo disse remendar a sola de sua bota com algo chamado "bife". Spork colocava pedaços de aço estelar com uma cola fortíssima chamada "purê Nulo" fazia furos na mesa com um solvente que recebera, chamado "chá". Mac Conha tentava fumar algumas folhas do vegetal "alface", que pegara.

- Já sei! - eu disse - Ou isto é um Kit de ferramentas ou é um jogo de tipo "adivinha se puder!"

- Não! isto é para se comer!

De repente, perdi o apetite. Meu estômago embrulhou instantaneamente. Olhei para o meu oficial de ciências.

- Spork! Tire o dedo do nariz, seu porco! Que merda!

- Merda eu ou a comida, capitão?

- Para falar a verdade...

Eu começava a entender finalmente o que significava aquela expressão.

- E vocês ainda não viram nada! - acrescentou sarcasticamente nosso amigo.

O LAGARTIXA, embora limpe o nariz com o dedo, não é louco de comer no CRUSP. Pode ser encontrado vendendo ossos de borracha no CCE.



Impunidade

falta informação

Infelizmente neste país não há exemplo dos governantes ao povo. No Brasil, os responsáveis pelos piores crimes nunca são punidos pela justiça, incentivando, assim, a corrupção e a violência.

Nos últimos anos, pudemos presenciar golpes e mais golpes. Financeiros, sendo esse capital, muitas vezes público, tornando-se um crime contra a economia popular. E os culpados? Estão presos como aquele indivíduo que roubou a galinha do vizinho para matar a fome de seus filhos? Logicamente não. No início dá-se muita ênfase ao caso, mas depois tudo é abafado, como se o golpe fosse a coisa mais natural do mundo.

A violência também é um caso muito sério, muitas vezes consequência da fome e da marginalização perante a sociedade. Esse caso é muito mais sério do que os golpes financeiros, porque deixa de ser um problema meramente político e passa a ser social. Muitos crimes são fruto do desespero de uma pessoa, salvo o caso dos chamados bandidos profissionais, que merecem uma punição severa.

Outro caso que merece destaque é o alto custo do imposto de renda, que é consequência da grande sonegação que existe, o que não deixa de ser, para os contribuintes mais honestos, um incentivo para sonegá-lo também. Podemos concluir, então, que quem "paga o pato" é o contribuinte que satisfaz todas as vontades do "leão".

Até nos piores filmes americanos podemos ver a situação em que o bandido, numa situação de fuga da polícia, fala em fugir para o Brasil, o que não é mentira. Temos o orgulho e o privilégio de já termos obrigado em nosso país grandes mafiosos e até mesmo um carrasco nazista.

Do jeito que tudo evolui, um dia o negócio se inverterá e a honestidade deixará de ser um exemplo e passará a ser um crime.

MARIANO ASSUNÇÃO



A respeito do "aviso" dado pelo passageiro do "trenzinho da morte" no politreco nº 133 (03 a 10 de junho) gostaria de fazer algumas observações.

O colega Ícarus (1ª mec.) foi um tanto precipitado ao falar que os trens da fepasa, bem como seus tickets, são uma porcaria, além da acusação de roubo. Acredito que não o tenha feito de má fé, mas por ignorância dos fatos. Pelas palavras usadas, com certeza não se trata de usuário, mas sim de um eventual passageiro dos trens, provavelmente acostumado a andar de metrô e que nunca utilizou e nem mesmo ouviu falra nos serviços prestados pela CBTU (Companhia Brasileira de Trens Urbanos), ou então está a confundila com a fepasa.

Todos conhecem o metrô e seu bom desempenho: rápido e eficiente. Quando andam em trens suburbanos, mesmo inconscientemente fazem uma comparação com o metrô, aí os trens se tornam piores do que realmente são.

Nem todos conhecem os trens de subúrbio e tampouco as empresas responsáveis pelo seu funcionamento. Eventualmente já ouviram falar da CBTU, seja como meio de acesso à universidade de Mogi das Cruzes ou pelo acidente grave ocorrido recentemente (choque de trens). Há também a FEPASA, atuando na região metropolitana de São Paulo, mais um meio de acesso à USP e que tem melhorado os seus serviços nos últimos anos.

A FEPASA atua na grande São Paulo com duas linhas. A linha Leste-Oeste vai da estação Júlio Prestes (centro de São Paulo) à estação Amador Bueno, passando pela Lapa, Barra Funda e pelos municípios de Osasco, Carapicuíba, Barueri, Jandira, dentre outros pontos. A linha Norte-Sul, em funcionamento a poucos anos, liga Osasco a Santo Amaro, com estações em Pinheiros, Cidade Universitária, Ceasa, etc.

Os trens que fazem os percursos das linhas Norte-Sul e Leste-Oeste atuam em boas condições. São trens novos, implantados há cerca de 10 anos, quando a FEPASA iniciou um processo de renovação em seu transporte ferroviário substituindo as antigas instalações

(precárias por sinal) por novas estações, que inclusive ainda não estão totalmente concluídas ao longo de toda a extensão das linhas. Por isso os trens novos da linha leste-oeste vão somente até a estação de Itapevi, onde é feita a baldeação dos passageiros para outro trem (o trem antigo) que segue para Amador Bueno. Este trem atua em más condições: velho, sem portas e janelas, e com risco de vida para quem viaja a noite. Aí caberia muito bem o título de "trem da morte", e não naqueles a que o colega Ícarus se referiu, e xagerando seus defeitos.

Com relação aos tickets é possível que o colega tenha adquirido uma passagem com defeito, mas nem por isso pode generalizar o fato. Basta apenas ter o devido cuidado com elas (não amassar ou molhar) que funcionarão perfeitamente, inclusive os múltiplos de 20. Digo isso porque os usuários (pessoas que tomam o trem todo dia) não há reclamações desse tipo mas sim quanto à lotação e atraso, o que, aliás, é estranho não ter sido comentado por quem se demonstrou tão "afiado" em ataques contra a empresa.

Há que se dizer ainda que o valor da passagem unitária é Cz\$ 4,00, aumentando a cerca de um mês (antes o valor era Cz\$ 1,50). Considerando novamente que os tickets funcionam na catraca, não tem fundamento a afirmação de que a FEPASA está roubando os passageiros. Roubo é pagar Cz\$ 8,00 para ficar pendurado nas portas dos ônibus urbanos, sejam eles vernehos ou não.

Não tenho o mínimo interesse em defender a FEPASA, aliás, não é isso que pretendo. Mas ao ler tantas acusações infundadas não podia deixar que a péssima imagem dos trens, transmitida pelo colega Ícarus, afetasse quem nunca fez uso do transporte ferroviário.

Sandra (3ª civil)

PS.: A FEPASA mantém em cada estação uma caixinha azul onde se lê "escreva para a FEPASA". Se o colega Ícarus quer fazer críticas construtivas existe um lugar certo. Detalhe: o serviço funciona. Eu já o utilizei.



no
no
no
no

ao caoc

Eu tinha doze garrafas de uísque na minha adega e minha mulher me disse para despejar todas na pia, porque senão...

- Assim seja! Seja feita a vossa vontade - disse eu, humildemente, e comecei a desempenhar, com religiosa obediência, a minha ingrata tarefa.

Tirei a rolha da primeira garrafa e despejei o seu conteúdo na pia, com exceção de um copo que bebi.

Extraí a rolha da segunda garrafa e procedi da mesma maneira, com exceção de um copo que virei.

Arranquei a rolha da terceira garrafa e despejei o uísque na pia, com exceção de um copo que empinei.

Puxei a pia da quarta rolha e despejei o copo na garrafa que bebi.

- Apanhei a quinta rolha na pia, despejei o copo no resto e bebi a garrafa, por excessão.

Agarrei o copo da sexta pia, puxei o uísque e bebi a garrafa, com excessão da rolha.

Tirei a rolha seguinte, despejei a pia dentro da garrafa, arrastei o copo e bebi por excessão.

Quando esvaziei todas as garrafas, menos duas que escondi atrás do banheiro, para lavar a boca amanhã cedo, resolvi conferir o que tinha feito de acordo com as ordens de minha mulher, a quem não gosto de contrariar, pelo mau gênio que tem.

Segurei, então a casa com uma mão e com a outra contei direito as garrafas, rolhas, copos e pias, que eram, ao todo, exatamente 39. Para me certificar de que não havia engano, contei tudo outra vez e quando terminei já encontrei um total de 93, o que dá certo, quando as coisas andam de perna para o ar. Como a casa passou nesse momento mais uma vez pela minha frente, aproveitei para controlar minhas contas e recontei todas as casas, copos, rolhas, pias e garrafas, menos aquelas duas, que escondi no banheiro e que eu acho que não vão chegar até amanhã, porque eu estou com uma sede louca...

(From "Máximas e Mínimas do Barão de Itararé".)

FREI TUCK

A Diretoria do CAOC (C.A. da Medicina)

Em resposta à sua carta enviada ao Grêmio Politécnico, gostaria de fazer as seguintes colocações:

a) Apoio dado pelo G.P. ao CAOC durante sua greve em 86

Em 86, eu era Diretor do G.P.

Na reunião de Diretoria do dia 29/06/86, às 12:30h, na sala 16 do Biênio, EU coloquei a "Greve da Medicina", encaminhei a seguinte proposta:

"A Diretoria do G.P. apoia e divulga a greve que está ocorrendo na Medicina. O Taborda enviará um telegrama de apoio ao COC" (retirada da ATA)

OBS 1: A Ata desta reunião encontra-se na sala 16 do Biênio, onde qualquer aluno pode averiguar.

OBS 2: Vocês receberam o telegrama, como também a greve foi divulgada em artigo no Politreco.

b) A verba cedida à Medicina pela Reitoria

- A verba foi utilizada para a realização de um show com o "Lingua de Trapo", no dia 12 de março, às 12:00h, no estacionamento da Medicina (fora do Campus Butantã)

- No dia 12 de março às 12:00h, estava marcada (há tempos) uma manifestação em frente à sede do DCE (Campus Butantã). A mesma tinha o objetivo de fazer com que o Reitor devolvesse a chave da sede para os alunos da USP.

- Muitos membros da diretoria do CAOC apoiaram a gestão 86 do DCE

(OII), a qual entregou as chaves da sede para a Reitoria.

c) Com quem o Reitor conversa:

- UNE: entidade que apoia a "Nova República", a mesma que nomeou o Prof. Goldemberg para a Reitoria da USP. Recebeu grana da Reitoria

- C.A. XI de Agosto (Direito): A Diretoria não é homogênea. Por exemplo: uma ala dessa Diretoria levou a proposta de aumento do restaurante (há mais de dois meses atrás) para Cz\$ 10,00. Estudos feitos por alunos da FEA e da Nutrição provam que hoje o preço da refeição é de Cz\$ 8,00 (com o mesmo subsídio alegado pela COSEAS). Recebeu grana da Reitoria.

- CAOC: Realizou um show do mesmo horário da manifestação do dia 12 de março, em locais totalmente diferentes. Apoiou o aumento do restaurante. Recebeu grana da Reitoria.

d) Com quem o Reitor não conversa:

- CEFISMA (física): organizou a invasão dos restaurantes contra o aumento. Não recebeu grana da Reitoria.

e) Uma questão de democracia:

- Sempre defendi que o Politreco publicasse todos os artigos dos alunos sem censura. Portanto, gostaria também que vocês publicassem em seu jornal esta carga.

Enviando minhas cordiais
Saudações Universitárias

José Eduardo M. da Fonseca
(Taborda)

Bomendo Costa

Eu sou a mosca. Vocês podem perguntar porque a mosca. Posso dizer que esta escolha não foi tão aleatória quanto a escolha do Presidente neste país, nem tão minuciosa quanto a decisão deste em ter uma conta na Suíça. Fui escolhido por meio de uma certa semelhança que tenho com os indivíduos do Brasil. O que 99% da população deste país come? Eu também. A solução para a desnutrição dos indivíduos deste país está na materialização das atitudes governamentais. Imaginem se o novo plano cruzado (plano Bresser) fosse materializado? Só de pensar fico até com água na boca. Sinto o cheiro de longe. Seriam milhões de toneladas capazes de

nutrir o nosso povo por anos a anos. Não precisaríamos nem de armazéns uma vez que já vem congelada. Poderíamos até exportar. Os europeus iriam adorar comer ao molho pardo. Os americanos entrariam nos supermercados enlatados de varias marcas. Por exemplo: Ex-Trume, a Bagada brasileira. Puramente política, sem corantes, aromatizantes ou conservantes.

Contudo, não podemos sonhar com um futuro tão próspero sem lutarmos por ele. Nós, as moscas, estamos trabalhando para conseguir um materializador. Se você, leitor, tiver uma idéia enviemos, por favor.

BOMENDO COSTA, A MOSCA

Representação discente

Brasil, 1999: o país do futuro. Gigante pela própria natureza, este impávido colosso avança, sob o comando de seu arrojado presidente, que canta em verso e prosa o seu programa de governo:

"Brasileiras e brasileiros: para corrigir algumas pequenas distorções que estavam ocorrendo na economia, resolvemos implantar o Plano Cruzado XV. Preparado com muito mais consciência, tirando lições dos erros anteriores, temos desta vez a plena certeza de agora vai. Pois como diz o poeta: água mole me pedra dura, tanto bate até que fura.

Dissuadidos de construir a ferrovia Norte-Sul, devido à falta de recursos de que dispomos no momento, optamos por uma obra alternativa, cujo retorno financeiro é mais imediato: o metrô Curitiba-Teresina, que servirá para estreitar ainda mais as intensas relações comerciais e de amizade entre curitubanos e teresinenses.

Da Tailândia não importaremos mais o arroz. Comprá-lo-emos da Indonésia. Importaremos leite em pó da Europa, enriquecido com urânio para dar mais energia à nossa garotada.

Brasileiras e brasileiros: nem um só minuto esteve o presidente esquecido dos mais humildes em perigos e guerras esforçados, mais do que prometia a força humana. Para consolá-los, recitarei um versinho de minha autoria.

"Pirulito que bate, bate, pirulito que já bateu, quem critica o cruzado são eles. Quem gosta dele sou eu"

Muito obrigado.

GIUSEPPE SARNETTI



Andei lendo o posicionamento do Grêmio e dos centrinhos frente à Greve do funcionalismo, tirado em Reunião de Diretório consistiu em "apoio aos motivos da Greve pois o baixo salário do docente faz o nível do ensino cair. Mas o apoio é condicionado à participação efetiva dos professores, que deverão ter um posicionamento único por disciplina para não haver diferença de aproveitamento entre as turmas".

Fiquei indignada com tal modo de pensar de alguns estudantes e fico a me perguntar se é ingenuidade e reacionarismo.

Em primeiro lugar, esquecem-se os nossos colegas que a greve é de todo o funcionalismo público, e não apenas dos docentes. Apoio esta greve porque acho justo que os salários sejam reajustados de acordo com a inflação, isto é, não acho que seja justo o arrocho salarial, que o financiamento da crise econômica saia do bolso e da mesa do trabalhador.

Mas talvez nossos colegas não enxerguem que uma universidade não existe sem os funcionários, tanto quanto sem professores ou sem alunos. Bem como que a sociedade não subsiste sem pessoas que façam o trabalho manual, tanto quanto o trabalho intelectual. É que tanto uns quanto outros têm o direito a um salário decente que dê para viver dignamente. E se este direito for negado, haverá luta, quer você queira, quer não, quer você ache justo, quer não, pois o que está em jogo é a vida.

Em segundo lugar, tais estu-

centes condicionam o apoio a greve à participação conjunta dos professores de uma mesma disciplina, as classes não ficarem defasadas. Isto demonstra que eles não têm, na realidade nenhuma posição frente a esta greve, nenhuma opinião própria sobre o acontecimento social "Greve do funcionalismo público estadual". Além disso, mostram uma profunda ignorância frente ao fenômeno "Greve na Poli": Alguns professores entram em greve corajosamente e muitas vezes como fenômeno isolado na Poli, pois suas consciências assim o determinam. Outros se pelam de medo e outros situam-se tão à direita, que farão qualquer coisa para enfraquecer uma greve. Como se vê, a coisa é muito mais séria do que o fato de um garotinho de uma turma não aprender hoje o "ponto" que o professor deu, enquanto seu colega de outra turma aprendeu.

Acho que tá na hora de alguns politécnicos abrirem os olhos para enxergar os mecanismos de transformações sociais, pois nem só de derivadas e integrais vive o homem.

De qualquer forma, não aceito esta posição do Diretório como sendo a dos alunos da Poli, pois sou aluna da Poli e meu posicionamento frente à greve está longe de ser este. Aliás, citaria umas boas dezenas de pessoas que discordariam redondamente tal postura assumida.

12/06 - Márcia R.C(5ª Qui)

QUEM PROCURA
ACHA.

Mais cedo, na loja do Biênio,
das 7:30 às 17:30, ou mais tarde,
na Civil, das 8:00 às 20:00.

LOJAS DO GRÊMIO

COMICO ZINHO

assembléia

Meu amigo, minha senhora, dona de casa!

Como você se lembra, continuava circular por aqui, há não muito tempo, um papel higiênico caletivo de aflições intelecta-intestinais, conhecido aqui neste sub-mundo da sacanagem, pela alcunha de "Politreco".

Lamentavelmente, devido a problemas conjunturais de base, originados em condições extremamente propícias ao surgimento de uma variada gama de controvérsias insolúveis no campo da compreensão parametáfrica ocidental contemporânea, tal veículo fecal veio a tornar-se tão interessante quanto um eletim informativo dos progressos econômicos dos Hare-Krishnas no Paquistão.

Caso você seja calouro, e ainda não tenha ouvido falar, o Politreco era uma das poucas chances que se tinha de rir até encharcar as calças; de se comunicar com os poucos seres não mumificados aqui deste pulgueiro. Algo que lhe permitia por exemplo, sair puto da vida com uma prova ou com um imbecil qualquer por aí e voltar a norrear-se de tanto rir.

Inicialmente a reação de qualquer politécnico, perante o que quer que haja é uma enérgica apatiammiológica, esperando sempre que "os outros" descasquem os nabos coletivos, (ou neles sentem como preferem os imbecis-padrões-politécnicos).

Entretanto, isso é uma grande cagada especialmente quando ainda pairam no ar, denúncias de que foi mexido em um time que estava agradando, por divergências políticas.

Cacete! se você se lembra do que havia antes, vê a grande meleca que anda agora e continua se omitindo, o que é você um ser humano ou apenas um verme?

Se você é um calouro, participe, entre-se, informe-se, desça o pau se achar que isso resolve!

Se você é um dos antigos participantes, desde os ilustres colonistas como o Ruy Catso, Pepe Enrabar, Pina Rizzo, etc até o mais humilde ex-colaborador, vem brigar também pô!

Ou você vai se contentar em ser apenas um rato pixador de sacanagem em porta de banheiro! porra!

Dia 12 de junho os alunos da Poli começaram a ficar agitados e assustados com a divulgação pré-dio da Engenharia Civil, de uma portaria da Diretoria da Poli. Esta portaria regulamentará a matrícula dos alunos para o 2º semestre, e entre outras coisas dizia que deve haver prioridade para matrícula nas disciplinas em dependência, além de ser proibida a sobreposição total ou parcial de horários.

Isso foi o suficiente para que muitos alunos, entrassem em pânico e recorressem aos centros acadêmicos para saber o que se passava. Foi marcada pelo Grêmio Politécnico, uma assembléia geral para que se pudesse tirar o posicionamento dos alunos frente a esses acontecimentos.

Antes da assembléia, apurou-se junto à diretoria que o controle da sobreposição de horários deve ser implantado a partir de 1988. Quanto às dependências não é obrigatório que se dê, prioridade a suas matrículas.

Desta maneira, na assembléia, que contou com o número estimado de 300 pessoas, decidiu-se pela redação de um documento contendo as conclusões da mesma. Este documento será divulgado pelo Grêmio e Centros Acadêmicos da Escola junto a todos alunos, para que estes pudessem aprovar, na forma de abaixo assinados as conclusões da assembléia.

A seguir temos o documento, cuja redação final é de responsabilidade

de do Grêmio Politécnico:

RESULTADO DA ASSEMBLÉIA DOS ALUNOS DA POLI - 17/06/87

A assembléia geral dos alunos da Escola Politécnica realizada dia 17/06/87 para discussão e tomada de posições em relação à portaria DIR 023/87 da Escola Politécnica concluiu o seguinte:

- Os alunos consereram que qual quer decisão da Escola em relação a questões de ensino, e mais especificamente em relação ao controle da sobreposição de horários e priorização de matrícula às disciplinas atrasadas devem ser anteriormente discutidas com o Conselho de Representação Discente, Grêmio Politécnico e Centros Acadêmicos da Escola.

- Os representantes dos alunos devem realizar um exame detalhado disciplina a disciplina de cada departamento, com o objetivo de avaliar os índices de reprovação e seus motivos, para que se possa saná-los, pois estes índices são considerados os principais responsáveis pela sobreposição de horários.

- Até que as medidas acima sejam cumpridas e o nível de ensino da Escola se eleve, pede-se a suspensão da portaria DIR 023/87.

É importante que todos aqueles que concordem com este documento o assinem.

Cremos ser indispensável aos alunos a consulta aos alunos em relação às decisões que nos afetam diretamente. Nossa participação também é necessária para que o nível da Escola possa melhorar.

Lá em Brasília...

